



O BEM-ESTAR DOS PROFESSORES

O fortalecimento das competências profissionais, o equilíbrio emocional e o comprometimento moral constituem, em grande parte, a chave do bem-estar dos docentes

A maior parte dos estudos sobre professores refere-se à categoria como um grupo bastante coeso, com atitudes e traços similares: "os professores estão cansados e desanimados" ou "os docentes sentem que são maltratados pela opinião pública" são afirmações que descrevem o estado de ânimo de um grupo profissional, como se seus membros o constituíssem de forma homogênea. É possível que a maioria dos professores tenha atitudes similares perante determinados temas, mas também é previsível que surjam diferenças entre eles em função de algumas variáveis, como a etapa educacional em que trabalham, o sexo e os anos de docência.

É necessário, portanto, refletir em torno das razões que levam alguns professores a se sentirem cansados e desmoralizados, enquanto outros mantêm o ânimo e a ilusão. Na literatura psicológica, educacional e profissional, a exaustão sofrida pelos profissionais com amplas exigências sociais é conhecida pela palavra de origem inglesa *burnout*, que significa "estar queimado". Nos países latinos, tem sido amplamente utilizada no âmbito educacional a denominação mais genérica de "mal-estar docente", embora seu significado seja menos intenso que o termo anglo-saxão. Uma tradução mais precisa e adequada poderia ser "exaustão" ou "estafa".

A estafa profissional começou a ser pesquisada a partir da década de 1970 como uma crise vital e profissional dos trabalhadores relacionados aos serviços sociais. Pouco a pouco, foi configurando-se um corpo teórico que tem orientado várias pesquisas. O mal-estar é definido em termos de três componentes inter-relacionados: o esgotamento emocional, que supõe o sentimento de se estar sobrecarregado pelas exigências e tensões emocionais; a despersonalização, que aponta para a relação insensível ou distante com aqueles que devem receber sua atenção profissional; a redução de conquistas profissionais, que se refere à redução da competência e do sucesso no trabalho (Maslach e Leiter, 1999).

Vivenciar a estafa profissional significa, então, a confluência de experiências negativas no âmbito emocional, pessoal e social e na área dos projetos profissionais. Não é apenas uma sensação de perplexidade, nem uma percepção das dificuldades profissionais, nem tampouco um conflito com os colegas, os pais ou os alunos. Trata-se de uma experiência global e profunda, que afeta os fundamentos do trabalho, da competência profissional, das relações pessoais e do sentido de sua atividade. A sensação de estafa interfere na motivação, nos projetos e nas ações dos professores, fazendo com que eles percam – ou ao menos reduzam seriamente – sua capacidade de se relacionar e de se interessar pela situação educacional de seus alunos.

Quais são os fatores que determinam o mal-estar docente? A maior parte das pesquisas mostra que a falta de apoio social, as características do contexto escolar, o deficiente funcionamento das escolas, as difíceis relações entre o professor e seus alunos, além de determinadas variáveis pessoais dos docentes, são as dimensões que explicam essa situação profissional negativa. Não são fatores independentes; aliás, intervêm em estreita interação: o apoio social e o funcionamento das escolas, por exemplo, são percebidos e interpretados por cada um dos professores conforme sua visão da realidade educacional e da sua competência profissional. O mesmo ocorre nas relações com os alunos: o sucesso no trabalho docente está ligado ao estilo de ensino do professor e ao comportamento de seus alunos. Contudo, não há dúvida de que as complicadas situações sociais e um contexto educacional problemático constituem o principal fator desencadeante do mal-estar dos professores.

Estafa significa a confluência de experiências negativas no âmbito emocional, pessoal e social e na área dos projetos profissionais

Nessa situação, somente os muito competentes e com qualidades pessoais sólidas conseguem manter o bom ânimo. Não obstante, os professores às vezes se sentem sufocados, mesmo quando realizam seu trabalho em condições sociais e educativas favoráveis. Nesse caso, a origem do mal-estar situa-se principalmente na personalidade do docente e na maneira como enfrenta seu trabalho.

A menção ao apoio social recebido encobre múltiplas influências. Algumas são mais distantes, mas nem por isso menos influentes, como a valorização profissional percebida. Outras, ao contrário, estão mais próximas e incidem diretamente no comportamento dos alunos e nas possibilidades dos professores. Entre as que estão no segundo caso, é preciso destacar o contexto sociocultural em que vivem os alunos e a colaboração das famílias na atividade educativa.

Como já se destacou, a maioria dos professores considera que nem a sociedade, nem as administrações educacionais, nem as famílias valorizam e apoiam o suficiente seu trabalho, o que aumenta o risco de mal-estar. Muitos deles, além disso, desempenham sua tarefa educadora em contextos sociais desfavorecidos, o que aumenta a dificuldade do seu trabalho.

O contexto escolar é, sem dúvida, outro fator que incide no possível mal-estar docente. O desajuste entre as tarefas que os professores devem realizar e as condições ou o apoio que recebem para desempenhá-las é uma das variáveis que mais influenciam nesse processo.

Os professores às vezes se sentem sufocados, mesmo quando realizam seu trabalho em condições favoráveis

As demandas conflitantes que vivenciam os docentes também foram consideradas como um fator gerador de tensão e desânimo, assim como a ambiguidade do papel do professor. O sistema de formação, a maneira como se realiza a seleção, a existência (ou não) de uma carreira profissional estimulante e o tipo de relação que se estabelece entre a administração educacional e os professores também exercem um

impacto considerável em suas vivências profissionais.

Em estreita relação com o contexto escolar, temos de situar a organização e o funcionamento das escolas. A liderança do diretor é, possivelmente, uma das dimensões que mais influencia na situação dos professores. Sua capacidade para elaborar um projeto coletivo, evitar conflitos, negociar soluções e criar uma cultura que facilite o trabalho docente é um elemento fundamental nessa atividade profissional. O abandono dessas funções aumenta a tendência ao conflito e favorece o mal-estar. Outro fator que aumenta a tensão dos docentes é sua falta de envolvimento nas tarefas coletivas. A participação no funcionamento da escola favorece a motivação, a autoestima e a satisfação no trabalho.

Também é preciso destacar que a cooperação e o apoio entre os professores constituem outra dimensão básica nesse âmbito, sobretudo quando as condições de ensino dos alunos são especialmente complicadas. Os conflitos habituais nas relações com os colegas ou o sentimento de isolamento profissional aumentam a tensão e o desânimo. Não há dúvida de que o comportamento dos alunos está vinculado ao contexto escolar e ao funcionamento da escola, mas é preciso reconhecer que exerce uma influência específica. O maior ou menor interesse dos alunos na aquisição dos objetivos da escola, a sua participação no processo de ensino-aprendizagem e o tipo de conduta que apresentam, sobretudo se é anárquica ou violenta, exercem um inquestionável efeito na satisfação profissional dos docentes.

A liderança do diretor é, possivelmente, uma das dimensões que mais influencia na situação dos professores

No entanto, todos esses fatores sociais e educacionais interagem com as características pessoais dos docentes, tornando necessário considerá-las quando se analisa a possível estafa dos professores. O comportamento dos alunos e seu interesse pela aprendizagem, por exemplo, dependem em grande medida da autoridade do professor na sala de aula e do seu estilo de ensino. Porém, a relação não ocorre somente no âmbito do trabalho na sala de aula: a maneira como os professores trabalham com as famílias, enfrentam as adversidades, relacionam-se com seus colegas, colaboram no funcionamento da escola ou a capacidade de pedir e receber ajuda são fatores que também têm grande impacto em seu bem-estar ou em seu mal-estar profissional.

Não é difícil constatar que, em contextos sociais e educacionais similares, alguns professores estão desanimados, enquanto outros mantêm o bom ânimo. Sem dúvida, a história pessoal e profissional dos docentes está na origem dessas diferenças. Quais são as características dos docentes que guardam uma relação mais estreita com sua função e, consequentemente, cuja presença ou ausência incide com mais força em sua satisfação ou insatisfação profissional? Em primeiro lugar, a formação ou, conforme a terminologia já utilizada, as competências profissionais adquiridas; em segundo lugar, a confiança, a autoestima e o equilíbrio emocional; e, por fim, o comprometimento moral com a tarefa de ensinar todos os alunos.

É preciso, portanto, analisar os fatores protetores e dinamizadores da atividade docente que favorecem o bem-estar. Muitos deles não dependem dos professores, como a valorização e o apoio social, os recursos disponíveis, o contexto sociocultural dos alunos e a colaboração das famílias. Há outros, no entanto, especialmente aqueles relacionados a suas competências e disposições pessoais, que devem ser cuidados tanto pelos próprios professores quanto pelos responsáveis educacionais, incluindo o fortalecimento das competências profissionais, o equilíbrio emocional e o comprometimento moral. Nesses fatores estão, em grande parte, a chave do bem-estar dos docentes.

● **Álvaro Marchesi** é secretário-geral da Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI).

SAIBA



MARCHESI, A.; MARTÍN, E.
Qualidade do ensino em tempos de mudança. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MARCHESI, A.;
O bem-estar dos professores.
Porto Alegre: Artmed, 2008.

REFERÊNCIA

CH, C.; LEITER, M.P. Teacher burnout: a research agenda. In: VANDERNBERGHE, R.; BERMAN, M. (eds.). *Understanding and preventing teacher burnout: a sourcebook of international research and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

NOTA

Este artigo é uma versão do capítulo 2 do livro *O bem-estar dos professores*, de Álvaro Marchesi (Artmed, 2008).